

1 INTRODUÇÃO

1.1 Uns Causos Mineiros

Todos nós já palmilhamos, vagamente, estradas de Minas, pedregosas.

Quando comecei a escrever meus primeiros versos, há mais ou menos dez anos, meu avô me entregou alguns livros, entre eles o *Tratado de versificação*, de Olavo Bilac e Raimundo de Oliveira. Engraçado ser justo este um dos livros que faziam parte da biblioteca de meu bisavô, que dizia ser possível fazer um versejador correto, mas impossível fazer um bom poeta. E, ainda, que preferia a arte de fazer vatapás à baiana aos tratados de versificação. Talvez o trocadilho escrito por meu avô na contracapa do livro – dizendo que este era um tratado de “Ver Se Fica São” – mostre como ele encarava o livro e me dê o consolo de pensar que ele acreditava que eu poderia ser um bom poeta, mas não custava nada aprender a fazer uns versinhos de sílabas contadas.

Neste pacote de livros veio um inesquecível, *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Biografia escrita por meu avô sobre o pai poeta. Ali vi materializada em livro as histórias do velho Alphonsus que eu ouvia desde criança. Foi quando me caiu a ficha de que meu avô não conhecia seu pai. Naquelas páginas, nas quais um filho biógrafo conta ao pai biografado sua própria história de vida, fica clara a presença dessa memória paterna que não existia. Essa busca pelo pai. Essa construção de um pai. Construção que se mistura com o próprio palmilhar por estradas de Minas. Relação pai e filho que se dá além do tempo, além da vida, pela literatura. Em um mundo de livros, comum aos dois, podemos juntar, sem problemas relativísticos, distâncias insondáveis e tempos incontáveis. Foi nas páginas da literatura que os dois se encontraram. Os dois e tantos outros personagens como Bernardo Guimarães, seu pai João Joaquim, João Alphonsus, Archangelus, e ainda outros além da família. Uma história de fato muito masculina, na qual as mulheres ganham importância quando musas, como a filha de Bernardo Guimarães, Constança, noiva prometida ao velho Alphonsus e morta antes do casamento, aos 17 anos.

“Setembro é o mês das laranjeiras castas”.¹ Laranjeiras é o bairro onde eu ouvia, desde criança, todas essas histórias que ficaram sempre para mim entre a lenda e a realidade. Lendas masculinas, mas que tinham minha avó como personagem feminino sempre presente. Sem ela eu também não estaria escrevendo estas linhas. Porque, além de musa, foi incansável incentivadora e arquivista minuciosa e cuidadosa dos originais e correspondências de meu avô. É ela a única mulher que aparece num poema meu dos 19 anos no qual essa presença pluritemporal dos escritores já se fazia presente, em mim, ali naquela sala em Laranjeiras.

Visitas a casa do poeta

A cada visita
um novo mundo.
Entre cada verso
prazerosa sabedoria.

Chego ao imponente Garanhuns².
Chego à infância, lembranças.
Chego à casa do poeta.

Livros, livros, livros, tantos livros.
Ampla sala com vista para a montanha
e para o concreto que dela brota.

A sempre agitada alegria de Hymirene
contrasta com a placidez do poeta.
Vê-se a paz no luminoso sorriso de Hymirene,
escutam-se as saudades do poeta.

Estou mais uma vez
no domínio da Absurda Fábula
desta estranha Luz de Agora,
e então sigo respirando poesia,
este Discurso no Deserto.³

Vejo em você poeta
a sua ferocidade poética⁴

¹ GUIMARAENS; Alphonsus de. Noiva in *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar 2001, p.180

² GARANHUNS: Nome do edifício onde residem meus avós: o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho e sua esposa Hymirene Papi de Guimaraens.

³ Absurda Fábula, Luz de Agora e Discurso no Deserto são títulos de livros de Alphonsus de Guimaraens Filho.

⁴ Expressão utilizada por Mário de Andrade para definir a poesia de Alphonsus de Guimaraens Filho: “está claro que a Canção da moça do lenço azul é uma delícia cem-por-cento, poesia até com ferocidade poética”. In: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Itinerários*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974, p.43

e passeio pela sua nostalgia.

Sinto a presença ebúrnea
de outro Alphonsus.
Vislumbro "O homem na sombra
ou a sombra no homem"⁵
João.

Mais ao longe,
"Lá onde a solidão ante nós surge
majestosa e solene como um templo"⁶
está Bernardo.
E enfim, na distância "que a saudade afia",⁷
João Joaquim.

A tarde segue
e sigo navegando
por tantas outras rimas,
errante poesia.
O sol se põe,
vou-me embora,
todos vamos,
mas a poesia permanece.

Fim de mais um encontro do neto
com seu avô,
com a poesia viva num ardor de chama.

Estrelas,
Eis a noite⁸,
mas há de vir outro dia...

As notas de rodapé, num estilo duvidoso de poesia, tantas citações e essa linguagem que era dos outros e não minha, vinham da necessidade de entender quem eram todos aqueles. Talvez lendas? Tudo invenção de meu avô? Uns causos mineiros para os meninos. Terá Bernardo Guimarães chegado mesmo atrasado ao jantar com o imperador e este se levantado, quebrando todo o protocolo, para saudar o poeta? Teria o mesmo poeta, então delegado, aberto as portas da cadeia para soltar os presos uma vez que faltava verba para comprar comida? Proibido

⁵ ALPHONSUS, João. O homem na sombra ou a sombra no homem. in: *Contos e Novelas*, Rio de Janeiro e Brasília: Imago Editora e INL, 1976.

⁶ Verso de Bernardo Guimarães retirado do poema O ermo, GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. INL, 1959, p.33.

⁷ Trecho de um verso de João Joaquim da Silva Guimarães, o fundador da família, retirado do poema À sepultura de... GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. INL, 1959, p.414

⁸ Conto de João Alphonsus. ALPHONSUS, João. Eis a noite! *Contos e Novelas*, Rio de Janeiro e Brasília: Imago Editora e INL, 1976, p.127

pela mulher, bebia escondido, com canudinho, cachaças enterradas na horta que cultivava? Culpou o Beato Gregório (também B.G.) pela autoria do genial *Elixir do pajé* (poema Viagra do século XIX)? E o velho Alphonsus era mesmo um pândego, para além de toda sua poesia mórbida? Dissera preferir a arte de fazer vatapás a baiana à arte de fazer versos? Teve 15 filhos?! E no meio disso escreveram a Escrava Isaura, Ismália, conheceram Cruz e Sousa, o imperador, foram aclamados e esquecidos?... Sempre sonhei em juntar todos numa conversa numa estrada de Minas, pedregosa, ali por Ouro Preto ou Mariana. Juntar todos, B.G. com a viola na mão, uma fogueira ao entardecer e perguntar: E aí, como foi tudo isso? Aquelas notas de rodapé do poema eram o indício de que um dia eu reviraria arquivos e papéis antigos.

Foi isso que fiz entrando pelos caminhos já palmilhados por outros como Andrade Muricy, com sua inestimável contribuição ao recolher os textos dispersos dos simbolistas, por Afrânio Coutinho, José Resende, Nestor Victor, Paulo Leminski e todos os modernistas que torceram, a seu tempo, a visão do que era literatura.

Além disso, me afundei num sem-fim de documentos inéditos nos arquivos de meu avô. Desde a carta do velho Alphonsus a Mário de Andrade até as cartas de Mário a Alphonsus Filho, e toda a correspondência de meu avô com outros modernistas.

Também foi veículo desta viagem pela família e pelo tempo o trabalho de resgate da memória, e da obra do pai, feito por meu avô. Seu incansável trabalho de busca pela genética dos poemas canônicos, com suas muitas variantes em muitos periódicos. Seus achados arqueológicos em jornais e revistas antigas, trabalho para o qual contou sempre com a dedicação de Drummond, e também o incrível achado de uma enorme quantidade de manuscritos do velho Alphonsus guardados, providencialmente, no sótão, num grande embrulho de jornais bem amarrados, por Ana Eulyra, irmã de meu avô, por ocasião da mudança de Ouro Preto para Belo Horizonte, depois da morte do poeta. E por fim, a construção da figura do pai no impressionante *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*, biografia em que o filho conversa com o pai e conta-lhe como foi sua vida. Biografia que é tecido de dupla escritura com a própria autobiografia de meu avô.

Foi assim que fui vivendo nas páginas essa conversa com todos. Não será preciso construir meu avô, como ele fez com o pai; ele sempre esteve aqui. Mas

reinterpretá-lo, reinterpretá-los todos sob os olhos de outro tempo, pois nas páginas e nas letras podemos unir todos os tempos e todas as distâncias. Não uma reinterpretação de um tempo verdadeiro, mas para deixar marcas num tempo que é o agora e que é meu. Por isso sigo, mas não vou aos fatos, que fatos são dados a mentiras sem sabor. Vamos às impressões, que são mais dadas a falsas mentiras que têm o sabor da literatura. Uns causos mineiros sobre poetas. Tudo que segue é parte dessa busca, impressões desta conversa à luz da fogueira numa Minas intemporal. Aqui estão alguns destes personagens, meus antepassados ou não, que povoaram os causos do meu avô e que, quis o acaso, povoaram também os causos da vida literária do País. *Enjoy!*